

Varnhagen, Santarém e Avezac: um episódio da polêmica vespuciana (1842-1858)

Varnhagen, Santarém and Avezac: an episode of the vespucian controversy (1842-1858)

Daniel Estudante Protásio

RESUMO

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), o visconde de Santarém (1791-1856) e Marie-Armand d’Avezac de Castera-Macaya (1799-1875) foram três historiadores e geógrafos que, no século XIX, escreveram acerca de Américo Vespúcio e suas viagens, sobre as quais hoje ainda imperam mais dúvidas que certezas (quais as que narrou e em quais participou). Com base nos escritos e alguma correspondência daqueles autores, bem como de interpretações posteriores das suas intervenções, procurarei contribuir para um maior conhecimento da polêmica vespuciana, a qual pode ser caracterizada pela teoria do eterno retorno.

ABSTRACT

Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878), the viscount of Santarém (1791-1856) and Marie-Armand d’Avezac de Castera-Macaya (1799-1875) were three historians and geographers who, in the 19th Century, wrote about Amerigo Vespucci and his voyages, about which there are more doubts than certainties up to this day (Which did he narrate and which did he actually take part in). Based on their writings and on some of their correspondence, as well as on later interpretations of their interventions, I will try to contribute to a better knowledge of the vespucian controversy, which can be characterized by the theory of eternal recurrence.

PALAVRAS-CHAVE

Francisco Adolfo de Varnhagen; Geografia; Historiografia do século XIX.

KEYWORDS

Francisco Adolfo de Varnhagen; Geography; 19th century historiography.

A chamada questão vespuciana consiste no debate sobre a autenticidade de parte ou da totalidade dos relatos de Américo Vespúcio (1454-1512) das viagens de navegação ao Novo Mundo em que afirmou ter participado, enquanto chefe de expedições de descobrimento ou piloto. É uma polémica tão antiga quanto a época dos relatos de Vespúcio, isto é, início do século XVI. Las Casas (1552), Herrera (1601), Randini (1745), Bartolazzi (1789) e Canovai (1817), todos intervieram, ciclicamente, na questão, isto é, sem se alcançar uma série de argumentos e conclusões documentalmente irrefutáveis (ZEWIG 1942, p. 99-100 e seg). Os autores espanhóis denunciaram a existência de uma falsificação de dados. Os italianos, em contrapartida, defenderam a verosimilhança da narrativa vespuciana. Segundo o visconde de Santarém, até 1825 viveu-se uma fase de interesse erudito e, a partir dessa época, uma outra, de análise científica, bibliográfica e documental, de toda a produção anterior sobre Américo Vespúcio. Fase essa que culmina, na opinião do autor português, com a sua obra de 1842, *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Améric Vespuce et ses voyages...* Em aparência, o assunto do papel de Vespúcio na história dos descobrimentos fica esclarecido com esse volume, que se baseava na utilização da metodologia e da interpretação de Navarrete e Washington Irving das viagens e prioridade a Cristovão Colombo.

Porém, após a morte de Santarém, em 1856, dois autores, Varnhagen e Avezac, no contexto de uma disputa diplomática dos limites fronteiriços entre o Brasil e a Guiana Francesa, insistem em argumentos até então aparentemente refutados e silenciados, mas ainda hoje reproduzidos. A saber: que as viagens e relatos de Vespúcio são, em parte ou no todo, autênticos e credíveis, apesar dos erros de localização geográfica, silêncios documentais e anacronismos cronológicos evidenciados. O que o jornalista italiano Canali comenta: "Vignaud, Varnhagen, Humboldt, conseguiram ver à distância de séculos o que jamais enxergaram os observadores que estavam no Cais da Ribeira, no instante das naus se fazerem ao mar!" (CANALI 1940, p. 31).

É aplicável a esta matéria a interpretação de Vitorino Magalhães Godinho, quando fala no “eterno retorno” da história dos descobrimentos portugueses e invoca, a esse propósito, a imagem de “sempre as mesmas fontes ruminadas com invejável paciência de bovídeo: tudo isto ferrugento de séculos” (GODINHO 1962, p. 1).

Também Stefan Zweig afirma que as teorias mais incompatíveis sobre Vespúcio são defendidas sem aparente contradição ou incoerência. Afirma: “E assim encontramos hoje, de novo, como há trezentos anos, precisamente perante a velha interrogação: ‘Quem era Américo Vespúcio? Que fez ele? Que não fez ele?’” (ZWEIG 1942, p. 130-131).

Aliás, a atualidade da questão vespuciana mantém-se: de 1940 a 2005, o diálogo intercontinental sobre a polêmica vespuciana envolve ataques pessoais a vivos e mortos e pouca delicadeza acadêmica (LEVILLIER 1954, p. 407; ALMEIDA 1955, p. 6). Em anos mais recentes, a historiografia brasileira tem trazido ao debate Varnhagen-Avezac distanciamento crítico e contextualização abrangente (OLIVEIRA 2007, p. 135-170; RIBEIRO 2009, p. 207 e 250; MEDEIROS 2011, p. 98).

Pretende-se, com o presente artigo, apresentar uma visão sistemática do que entre 1842 e 1858 foi afirmado pelo visconde de Santarém, por Francisco Adolfo de Varnhagen e por Avezac a propósito dos relatos e viagens de Américo Vespúcio. E de como os séculos XX e XXI encaram tais disputas metodológicas.

Enquadramento prévio (1840-1841)

Francisco Adolfo de Varnhagen e o visconde de Santarém entraram, com poucos meses de diferença, como sócios correspondente e honorário no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), respetivamente a 25 de janeiro e a 8 de julho de 1840 (LESSA 1961, 100; REVISTA TRIMESTRAL 1858). Na 43ª sessão do Instituto, a 18 de julho, estando Varnhagen presente, surge a informação de que “Foram

aprovados membros honorários os seguintes senhores: D. Martín Fernández de Navarrete, residente em Madrid; Visconde de Santarém, ora residente em Paris; [...] e Barão Walckenaer; propostos pelo Sr. F. A. de Varnhagen” (REVISTA TRIMESTRAL 1858, p. 397).

Dado o histórico anterior de quezílias entre ambos, não deixa de ser surpreendente a proposta, por Varnhagen, do visconde de Santarém para o IHGB (PROTÁSIO 2014). A ser correta a leitura de que o visconde¹ foi proposto, por Varnhagen, como sócio honorário do IHGB, essa é uma atitude muito mais nobre e louvável do que a que o próprio Santarém teve no seio da Sociedade de Geografia de Paris (SGP), ao não introduzir o jovem sócio correspondente do IHGB e da Academia das Ciências de Lisboa (ACL) no seio daquela agremiação, na qual entrou em 1835, ocupando cargos de responsabilidade de 1838 até à sua morte, dezoito anos depois. Mais antiga sociedade geográfica do mundo, fundada em 1821, a instituição parisiense albergou importante conjunto de polémicas históricas, geográficas e diplomáticas internacionais do século XIX.

Seria por Santarém não o ajudar a ser admitido na SGP que Francisco de Varnhagen o qualifica de “meu *rival* Visconde”, a 6 de janeiro de 1841? Sim, mas não só, dado o pano de fundo da questão vespuciana: “É por isso que por enquanto cingir-me-ei a escrever para Paris uma carta meio geográfica por via do Visconde de Santarém. Nisto mesmo estou ainda irresoluto. Já aí chegaria o *Boletim* em que vem a notícia das minhas publicações? – Como serão feitas pelo meu *rival* Visconde não espero nelas muito favor” (LESSA 1961, p. 61). Desconhece-se que publicações seriam essas: para além da comunicação feita em fevereiro de 1840, a outra obra de Varnhagen publicada – as *Reflexões críticas...* – é rececionada nesse mesmo mês em Paris; mas, inserida num volume coletivo da ACL, fica por analisar (BOLETIM 1840, t. XIII, p. 124 e segs.; BOLETIM 1841, ts. XIV e XV).

Varnhagen, regressado a Portugal a 22 de Junho de 1841, é um cidadão, académico e intelectual português² que, maior

1 - Sendo Francisco Adolfo de Varnhagen nomeado barão e visconde de Porto Santo em 1872 e 1874, todas as referências feitas, no presente texto, a um visconde dizem respeito a Santarém, agraciado com esse título em 1818.

2 - Nessa época, ainda não obtivera a cidadania brasileira: tal sucede, lembre-se, a 24 de Julho de 1841.

de idade (nascera a 17 de fevereiro de 1816), demonstra um notável à-vontade entre os seus pares (LESSA 1954, p. 133; LESSA 1961, p. 63-64 e 72-73). Não deixa, aliás, de continuar a revelar uma certa irreverência de caráter, própria da idade e da sua personalidade, ao confidenciar ao amigo Cunha Rivara, falando de um terceiro, que “ontem mesmo lhe entreguei o exemplar da [Vida] de D. João de Castro do nosso *patusco e pai velho* São Luís” (o futuro Cardeal Saraiva. Itálico meu). E pode perguntar, com toda a inocência, ao mesmo confidente: “Garrett não lhe mandou um exemplar do *Alfageme [de Santarém]?*” (LESSA 1961, p. 74-75, itálico meu).

De novo a polêmica sobre Américo Vespúcio (1842)

Quanto ao visconde de Santarém, não anda muito longe das preocupações e pensamentos de Varnhagen. Em carta de mês indeterminado de 1842 (maio a julho) para o *eterno* Cunha Rivara, refere-se-lhe a propósito de Vespúcio. Esse ano seria um momento decisivo para um futuro episódio da polêmica vespuciana, entre Avezac e Varnhagen, em 1857-1858. Pois enquanto Santarém foi vivo e ativo na SGP, nem o autor brasileiro é admitido, nem publica qualquer texto no *Boletim* da instituição, o que apenas se pode explicar pelo veto informal do sábio português. Daí que Francisco de Varnhagen, quer a propósito, quer não, do livro de Santarém sobre Vespúcio, escrevendo as seguintes palavras, remeta apenas para o passado e não para o presente:

Quanto à pergunta que faz sobre as edições de Américo, de Vicência e Milão, devo responder-lhe que há já a tal respeito uma análise [minha] no *Exame crítico* [sic – por “Reflexões críticas...”] – creio no Tomo 5º [da *Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas...*], que o Visconde de Santarém repetiu naquela[s] memória[s] a que eu me oponho [de 1835-1837], em opiniões de Américo. Para fazer trabalho em correccão ao que diz Trigoso bastava hoje ser *simples rapsodista* do que sobre as edições têm dito Humboldt e Navarrete. No *Roteiro de Vasco da Gama* diz o [Diogo] Kopke também alguma coisa nas notas a [esse] respeito (LESSA 1961, p. 77-78, itálico meu).

Varnhagen, já então nomeado adido à legação brasileira em Lisboa, a 19 de maio de 1842 e encarregue de recolher documentos portugueses relativos ao Brasil (LESSA 1954, p. 134; LESSA 1961, p. 86), secundariza a questão das edições de Vespúcio. Fala rapidamente em Trigoso,³ Santarém, Humboldt, Navarrete e Kopke, não parecendo dedicar muita atenção à matéria. De um modo geral, os anos de 1842-1843 foram, para o autor brasileiro, considerados de recolha de documentos e não de análise e apresentação de um “corpo homogêneo” (LESSA 1954, p. 137). Elenca, pois, Francisco de Varnhagen aqueles autores sem outros comentários senão que para corrigir Trigoso (na introdução às *Cartas de Américo Vespúcio a Pedro Soderini...*, 1812), bastaria fazer uma mera rapsódia do que Humboldt e Navarrete afirmaram sobre o assunto (LESSA 1961, p. 78; ACADEMIA 1812, p. III-VII). Trabalho que não fez nessa época. E que, recorrendo a uma metáfora musical, não considera ser uma composição nobre, antes menor.

Por essa altura, o visconde de Santarém renova os seus estudos sobre Vespúcio, interrompidos desde 1837. Depois de, nos anos de 1840-1842, se ter dedicado à questão da prioridade dos descobrimentos em África, retoma a sua veia de americanista, aparentemente devido às pressões, nesse sentido, do barão de Walckenaer, que qualifica como “um dos maiores especialistas neste ramo da ciência [geográfica], [...] nosso sábio amigo e consócio” (SANTARÉM 1842, p. VIII-IX). Vai concluir o trabalho iniciado em 1826 e continuado em 1835-1837: provar que Colombo chegou à *Terra Firme* antes de Vespúcio e que este não seria mais do que um efabulador. Fê-lo sem deixar dúvidas suficientes para que alguém lhe disputasse os argumentos, condensados em livro, em 1842. Durante catorze anos, nenhum autor conhecido contrariou as teses sobre Vespúcio. O próprio Varnhagen vai construir uma *História Geral do Brasil (HGB)* e só depois elaborar “as primeiras monografias sobre Colombo e Vespucci”, a propósito do que “apresentou opiniões novas de História Geográfica” (LESSA 1961, p. 84).

3 - Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (1773-1821), sócio e secretário da ACL.

Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Améric Vespuce et ses voyages... (1842)

As dezasseis páginas de introdução ilustram as ideias do visconde de Santarém acerca de Colombo e Vesúcio. Termina o opúsculo de 1842 com duas conclusões-chave: os méritos náuticos e científicos de Cristovão Colombo e de Pedro Álvares Cabral na chegada às Américas Central e do Sul (SANTARÉM 1910, p. 473). Inicia a edição do texto completo em livro, demonstrando como o feito de Colombo marcou indelevelmente a história do espírito humano, afirmando que a astronomia, a física, a botânica, a mineralogia e as ciências morais se transformaram, em consequência da massa de conhecimentos que aquele dado geográfico permitiu que se acumulasse.

Tudo é sereno e aparentemente imparcial na primeira parte da obra, cristalino, nos argumentos de Santarém.⁴ O visconde assegura, com uma autoridade que pretende demonstrar o seu vasto domínio de tais matérias, que foram produzidos três mil títulos sobre as expedições às Américas realizadas entre 1492 e 1540. E, glorificando o seu tempo, considera que, apesar de tal quantidade de tratados, inéditos e impressos (e materiais cartográficos), até ao início do século XIX não era nem claro, nem seguro, o conhecimento positivo dos fatos.

Declara que os sábios não conseguiram, até então, elucidar uma série de problemas científicos e metodológicos, acabando por criar um corpo de conhecimento que classifica como incerto e opaco, ao questionarem se o Novo Mundo seria conhecido dos Antigos. Tais autores, segundo a introdução, estariam motivados por três ordens de razões, das quais a que mais aqui nos interessa é a de *prejudicar (nuire)* a glória de Colombo (SANTARÉM 1842, p. I-VI).

Por outro lado, quando indica o ano de 1825 como decisivo para o conhecimento da geografia do Novo Mundo, vai entroncar o seu próprio contributo num conjunto de sábios seus contemporâneos e consócios que escrevem sobre prioridade da chegada e descoberta ao que então era designado por Novo

4 - O que já não sucede na segunda parte do livro (SANTARÉM 1842, sobretudo p. 122-208).

Continente (isto é, as três Américas). Citemos o visconde, primeiro remetendo para o autor espanhol Navarrete, depois parafraseando Humboldt, as duas figuras intelectuais que *despoletaram* em Santarém uma nova vocação, a de americanista (PROTÁSIO 2014, p. 33):

Antes do ano de 1825 essas discussões sobre a história do Novo Continente haviam interessado sobretudo à erudição, mais do que à **história positiva dos factos**, quando um dos monumentos históricos mais importantes dos tempos modernos veio lançar uma nova luz sobre vários pontos do mais alto interesse; trazendo documentos preciosos e inéditos sobre o primeiro período da descoberta do Novo Continente. *Nós queremos aqui falar da obra do nosso sábio amigo, M. de Navarrete*. Obra que veio fornecer aos sábios grande massa de documentos e de noções novas, no meio das quais os críticos podem *refazer uma grande parte da história do Novo Continente*, tal como a conhecíamos antes desta importante publicação (SANTARÉM 1842, p. VI-VII).⁵

O visconde refere-se à obra de Martín Fernández de Navarrete, *Colección de los Viajes y descubrimientos, que hicieron por mar los españoles desde fines del siglo XV...*, começada a publicar em 1825 (em dois tomos). Cita a consulta que no ano seguinte Navarrete lhe fez, enquanto guarda-mor da Torre do Tombo (arquivo central de Portugal) e cuja resposta, sob a forma de carta, é publicada no tomo III da mesma coleção, em 1829. Com tal resposta, em 1835, tem início uma série de artigos de Santarém sobre Vespúcio. Em breve ocorrem a entrada do sábio português na SGP e o reencontro com Humboldt em Paris. O visconde, no seu livro de 1842, refere as obras do barão de Humboldt (*Examen critique...* 1836-1839) e de Washington Irving (*Life of Columbus* 1828).

Em termos metodológicos, explica que tratou de incluir no seu livro as fontes coevas de Colombo e de Vespúcio (de 1492 a 1540), mas igualmente os autores que desde então trataram dessa questão, com as respetivas citações bibliográficas infrapaginais e um índice remissivo de temas e escritores.⁵ Afirma que esse método poderá não ser coincidente com o da crítica histórica,⁶ mas considera-o indispensável para o apuramento da verdade e lamenta ter que se envolver nesta polémica. O volume de 1842,

5 - No qual, significativamente, não aparece o nome de Francisco de Varnhagen.

6 - Isto é, da necessidade de as fontes serem contemporâneas dos eventos relacionados com Vespúcio (SANTARÉM 1842, p. 233). Sem validação coeva dos fatos não existiria história positiva.

no entanto, permitiria ao leitor acesso fácil, num único tomo, aos argumentos e dados decisivos para estabelecer uma opinião *imparcial* sobre o papel de Vespúcio na ciência geográfica mundial.

Relembra que não é movido por pretensão patriótica ou nacionalista, anti-italiana, pois quer defender os direitos *incontestáveis* de prioridade, na chegada ao Novo Mundo, não só de Colombo, mas também de Hojeda, de Lepe, de Cabral e de Pinzón, face aos de Vespúcio (SANTARÉM 1842, p. VII-XIV). Passada a introdução, o livro tem início com a carta de 15 de julho de 1826 dirigida a Navarrete, que se estende por treze páginas e que resume o essencial do pensamento de Santarém sobre Vespúcio: este não deve ser considerado um descobridor ou navegante, apenas relator de viagens em que supostamente participou e cuja glória, náutica e geográfica, reivindicou para si. De modo que é considerado um falsário, por não ter documentos, cronistas ou fontes coevas a fundamentarem o que narra. O visconde refere o trabalho do editor Trigoso na *Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas...*, refutando as suas afirmações sobre as quatro viagens ibéricas do florentino (ACADEMIA 1812, p. III-VI; SANTARÉM 1842, p. 6-7).

Para o visconde de Santarém, o peso institucional da sua passagem pela direção do arquivo central da Torre do Tombo, de 1824 a 1833; o conseqüente silêncio de cerca de cem mil documentos daquele depósito sobre Vespúcio, bem como do humanista e guarda-mor do mesmo arquivo, Damião de Góis (1502-1574); e os mais de duzentos autores analisados, eram suficientes para deixar concluída a questão: Vespúcio teria falsificado a natureza da sua participação na viagem espanhola de 1499⁷ e a sua presença nas portuguesas de 1501 e 1503, que não capitaneou. Assenhoreando-se do nome de um continente ao qual não tinha direito, por melhor cosmógrafo e navegante que pudesse ser. Santarém recorre ainda ao terceiro volume, inédito em França, da obra de Navarrete, transcrevendo extensas passagens do mesmo (SANTARÉM 1842, p. 6 e segs.).

7 - Trata-se da única viagem em que admite a participação de Vespúcio, embora não como navegador ou comandante (SANTARÉM 1842, p. 115 e seg; DUVIOLS 2005, p. 238).

O triângulo Santarém-Avezac-Varnhagen em vida do primeiro (1842-1851)

A 15 de dezembro de 1842, o IHGB aprovou a impressão da obra de Varnhagen *As primeiras negociações diplomáticas respectivas ao Brasil*. Lida naquela instituição a 19 de janeiro seguinte, a sua receção foi acusada por portaria do ministro das Relações Exteriores do Império, segundo carta de 2 de junho de 1843 (LESSA 1954, p. 138; LESSA 1961, p. 91 e segs.). O visconde crisma-a de *Primeiras relações diplomáticas do Brasil* – um hábito que mantém, o de parafrasear alguns títulos de memória – e refere-se-lhe de forma altamente negativa: texto “que me envergonhou pelo autor” e “este título é o mais tolo que alguma vez foi dado a uma produção desse género” (SANTARÉM 1919, p. 375 e seg). O livro refere de passagem Vespúcio, mas menciona apenas Ayres de Casal e Navarrete, não Santarém (VARNHAGEN 1839a; VARNHAGEN 1842, p. 122 e segs.).

A 10 de Janeiro de 1844, na introdução à edição (“livraison”) desse ano do seu *Atlas...*, o visconde de Santarém agradece a Marie-Armand d’Avezac de Castera-Macaya, “nosso sábio amigo”, a revisão de provas para tal publicação (SANTARÉM 1989, e segs.). Apesar da afirmação de Santarém, em 1840-1842, como inquestionavelmente portuguesa a prioridade na chegada à Guiné, Avezac volta à carga com oito textos lidos e publicados em 1845-1846. O visconde responde com igual número de intervenções, na SGP e em vários periódicos científicos.

De 1845 data a publicação (anónima), por Varnhagen, dos “Fragmentos que existem na Torre do Tombo das instruções dadas por El-Rei D. Manuel a Pedro Álvares Cabral, quando chefe da armada, que indo à Índia descobriu casualmente o Brasil” e do “Regulamento (incompleto) dado ao chefe de uma das primeiras armadas que foram à Índia, depois de Pedro Álvares Cabral”. São documentos localizados pelo jovem investigador e impressos, mas não comentados, excetuando numa única nota infrapaginal (ANAIS MARÍTIMOS E COLONIAIS 1845, p. 208 e segs.; REVISTA TRIMESTRAL, 1867, p. 99-115).⁸

8 - ANAIS MARÍTIMOS E COLONIAIS 1845, p. 279, n.: “Referimos-nos [a] Cabral, porque no próprio Regulamento fala El-Rei na Ilha da Cruz, querendo aludir à Terra do Brasil, descoberta por aquele capitão e ao princípio julgada ilha, com o nome de Vera Cruz. A própria ideia tão minguada dessa região dá a entender que o Regimento deve ser anterior às explorações de Vespúcio e por isso dos primeiros dois ou três anos do século 16º. O chefe pode, pois, ter sido João da Nova, Vasco da Gama (da segunda vez) ou Afonso de Albuquerque. (F. A. de V.)”.

Sucedee que o visconde de Santarém redige uma recensão sobre o assunto, sob o título sugestivo de *Note sur la véritable date des instructions donnés à un des premiers capitaines qui sont allés dans l'Inde après Cabral*, publicado em setembro de 1846 no *Boletim* da SGP. O fato parece ter passado despercebido a Clado Ribeiro de Lessa na sua análise biográfica de Varnhagen, não sendo, inclusive, mencionado na *Correspondência Ativa* do historiador (LESSA 1954; LESSA 1961). Pode afirmar-se que, referindo somente uma vez Varnhagen (embora o apelido de "M. Warnhagen"), o visconde é muito acutilante, crítico e contraria frontalmente as interpretações do autor brasileiro, tanto em termos da *verdadeira data*, quanto do capitão/comandante da dita armada. Só se percebe que fala de "Fragmentos que existem na Torre do Tombo..." quando se consultam os referidos periódicos português e brasileiro.

Ao contrário do que comentara em *Analyse du journal de la navigation...*, de março de 1840, seis anos depois Santarém louva a importância da publicação de inéditos para o conhecimento geográfico. Atribui, todavia, esse papel aos *Anais Marítimos e Coloniais* e destaca o fato de *Fragmentos que existem na Torre do Tombo das instruções...* (cujo título oculta do público leitor) não estar datado. Daí, aliás, a designação da recensão, que se foi conhecida de Varnhagen, não deixou de lhe desagradar.

9 - O importante, para o visconde de Santarém, era que se tratava de uma viagem sempre posterior à suposta segunda expedição portuguesa de Vespúcio (de 1503).

São quatro as teses do visconde de Santarém:

- erro de datação (viagem não anterior a 1503, mas provavelmente de 1509-1512);
- erro de localização da ilha da Cruz (também designada por Penedo das Fontes, não no Brasil, antes ao largo do Cabo da Boa Esperança);
- que durante muitos anos o Brasil continuou a ser perspectivado como uma ilha, conforme aprofundará em 1847;
- e que o destinatário das instruções era Lopo Soares de Alvarenga, em 1504⁹ [*sic*] e não João da Nova, Vasco da Gama ou

Afonso de Albuquerque (SANTARÉM 1910, p. 153-158).

Em 1847 o visconde, na “Mémoire sur la question de savoir à quelle époque l’Amérique Méridionale a cessé d’être représentée dans les cartes géographiques comme une île d’une grande étendue”, lida na SGP a 18 de junho, afirma ter provado, pelo recurso à cartografia, que até 1520 a prioridade do descobrimento do Novo Mundo por Colombo foi incontestada; e que apenas a partir de 1548 o Brasil passou a ser representado como um continente e não como uma ilha. Tal trabalho insere-se como continuação da recensão sobre Varnhagen do ano anterior e no âmbito de uma outra polémica, agora com o cartógrafo Edme-François Jomard (1777-1862), sobre a prioridade da publicação de um Atlas (SANTARÉM 1910, p. 249-252). Continua, em toda essa defesa da prioridade de Colombo e de Cabral e de repúdio dos relatos de Vespúcio, a ser ignorado o contributo de Francisco de Varnhagen.

Por seu lado, Varnhagen prossegue a carreira diplomática – a 4 de janeiro de 1847 é “removido” para a legação de Madrid (LESSA 1954, p. 144) – e académica: de 23 de maio a início de dezembro de 1851, permanecendo no Brasil, é Primeiro Secretário do IHGB (LESSA 1954, p. 154 e segs.).

Santarém, Avezac e Varnhagen têm claras semelhanças socioculturais e socioprofissionais. O visconde estudou até aos 16 anos no Colégio dos Nobres, Varnhagen até aos 17 no Real Colégio Militar, ambos de Lisboa. Avezac publica o seu primeiro livro em 1823; atribuem-se-lhe sérios estudos geográficos, provavelmente autodidáticos. Ingressa no ministério da Marinha, onde se mantém durante toda a vida. A Varnhagen sucede o mesmo no ministério das Relações Exteriores. A carreira diplomática do visconde de Santarém é curta; porém, o ministério dos Negócios Estrangeiros subvenciona-lhe a impressão de boa parte das obras parisienses e pede-lhe pareceres repetidamente.

Da *HGB* (1854-1857) às respostas de Avezac e às tréplicas de Varnhagen (1857-1858)

Em 1854, Francisco de Varnhagen publica o primeiro

volume da sua *HGB*, ainda em vida do visconde de Santarém. As reacções internacionais são positivas, a julgar pela carta de 8 de agosto de 1855, enviada por Alexander von Humboldt, e pelos elogios de Von Martius e de Ferdinand Denis, bem como pela admissão na Academia das Ciências de Munique (LESSA 1954, p. 170-173).

Entretanto, a 17 de janeiro de 1856 morre o visconde de Santarém, então com pouco mais de 64 anos. Desaparece, assim, do mundo dos vivos o autor que Clado Ribeiro de Lessa considerou como o “*maior adversário de Américo Vespucci, e Varnhagen o paladino da sua reabilitação, apoiado integralmente nos últimos tempos por Vignaud*” (LESSA 1954, p. 127; VIGNAUD 1917, p. 86-99, *itálicos meus*). A polêmica vespuciana só surge de novo com a resposta de Avezac a uma passagem do primeiro volume da *HGB*, criticado na dita obra. O próprio Varnhagen define o francês, em carta de 20 de junho de 1857, como membro da SGP, “empregado no ministério das Colónias e [um] dos partidários de que a Guiana Francesa deve chegar ao Amazonas”. A propósito da questão fronteiriça entre os territórios francês e brasileiro, Varnhagen sugere a inclusão, no segundo volume da sua obra (“quase pronto para sair à luz”), de um desenvolvimento e esclarecimento sobre o assunto, mas também a publicação de “argumentos *em francês* [...] em folheto separado” (LESSA 1961, p. 240-241). As disputas de delimitação de fronteiras, tanto na América do Sul, como na Índia e África portuguesas, eram muitas vezes razão para que geógrafos como Avezac e Santarém e diplomatas como o conde do Lavradio e o visconde do Uruguai cruzassem informações e colaborassem no esclarecimento de tais matérias. Diplomata e historiador, Varnhagen aborda, em *As primeiras negociações diplomáticas...* (VARNHAGEN 1842) e nas duas edições do *HGB* (1854-1857 e 1877), as lutas seiscentistas contra os holandeses e o tratado de Santo Ildefonso (1777), sob contexto de disputas fronteiriças do império por causa do Paraguai e do Uruguai (RIBEIRO 2009, p. 192-196).

Em sessões da Sociedade de Geografia e em textos

publicados no *Boletim* (AVEZAC 1857, p. 89 e seg), Avezac comunica e publica um estudo, intitulado *Considérations géographiques sur l'histoire critique du Brésil. Examen critique d'une nouvelle histoire générale du Brésil...* (LESSA 1961, p. 248-249). Nessa resposta ao primeiro volume da *HGB*, de 1854, Avezac refere largamente Vespúcio (AVEZAC 1857, p. 102 e segs.). Persiste na utilização de um texto de difícil leitura, recheado de notas infrapaginais extensas e complexas e no tipo de discurso e de estratégia já empregues em 1845-1846 com o visconde de Santarém. A saber: não se referir de forma sistemática às críticas e construções teóricas, sobre Vespúcio, por parte de autores anteriores; escolher apenas *ramalhetes* de argumentos históricos; ironizar sobre o polemista visado – neste caso, Varnhagen, a quem compara ao sonhador Homero, sobre a presença de Hojeda na costa brasileira (AVEZAC 1857, p. 157). E, sobretudo, não desistindo de uma abordagem um tanto quanto mitológica e pouca credível sobre hipóteses de descobertas do Brasil, tal como sucedera com as ilhas atlânticas e com a costa africana, sempre pela mão dos *omnipresentes* normandos (AVEZAC 1857, p. 172-177).

Varnhagen queixa-se de críticas que lhe são dirigidas do seguinte modo, em carta datada de 20 de novembro de 1857:

Acresce que o Sr. D'Avezac, como adversário antigo do defunto Visconde de Santarém em questões de descobrimentos, está *apaixonadamente* prevenido contra o[s] dos Portugueses, e por conseguinte contra os nossos {direitos}. Assim, longe de me dar por *imparcial*, quando devia lembrar-me [sic, por lembrar-se] como fui contrário ao dito Visconde nas suas *exageradas pretensões* em desfavor de Américo¹⁰ e quanto na minha obra defendo tanto estrangeiros tais como Bagnuolo [Bagnolo] e outros que prestaram serviços reais ao país, lembra-se de me levar a mal que eu na minha *História* deixasse para segundo plano as expedições espanholas, e em terceiro as dos Franceses [AVEZAC 1857, p. 98 e segs.]; para as quais quase pretende o Sr. D'Avezac reclamar os direitos de prioridade, ou pelo menos, de grande precedência (LESSA 1961, p. 250 - colchete original, itálicos meus).

Para Francisco de Varnhagen poder responder a Avezac,

10 - Varnhagen 1839a e Varnhagen 1839b. Varnhagen sempre foi totalmente contrário às ideias de Manuel Ayres de Casal (1754-1821) e de Santarém acerca do que este último considerava ser o silêncio dos documentos (e do cronista Damião de Góis) a propósito das supostas viagens de Vespúcio (veja-se VARNHAGEN 1839b, p. 75; PROTÁSIO 2014, p. 34).

havia que preparar as condições acadêmicas apropriadas. Em outubro seguinte, informa que o sábio francês o propusera – a 7 de agosto – para membro da SGP. Varnhagen pede, a 20 de novembro, que o mesmo suceda a Avezac, para “nosso consócio correspondente” no IHGB (LESSA 1961, p. 249). Será no *Boletim* da SGP e em livros que a disputa franco-brasileira irá ter lugar.

Logo em inícios de 1858 surge um primeiro texto de Varnhagen (LESSA 1961, p. 258). Algo impossível na SGP antes da morte de Santarém. Trata-se de *Vespuce et son premier voyage ou notice d’une découverte et exploration primitive du golfe du Mexique et des côtes des États-Unis en 1497 et 1498*. Não é, claramente, uma resposta a Avezac. Dedicada a Humboldt, a obra tem a vantagem de ser concisa.

A resposta ao sábio francês é deixada para um segundo título (AVEZAC 1858, p. 2): *Examen de quelques points de l’histoire géographique du Brésil... ou analyse critique du rapport de M. d’Avezac sur la récente histoire générale du Brésil*. É pela análise desse livro que prosseguirei, invertendo a ordem de publicação, indicada, dos textos de Varnhagen. No seu *Examen...*, o sábio brasileiro, que sabemos estar em Paris logo a 1 de janeiro de 1858 (LESSA 1961, p. 258), afirma ter conhecido pessoalmente Avezac. E promete que não vai deixar de responder às acusações de falta de sinceridade e de justiça dos argumentos contidos no primeiro volume da *HGB* (VARNHAGEN 1858b, p. 6-8).

11 - “Reflexões críticas...”, *Diário da navegação...* e *As primeiras negociações diplomáticas...* (VARNHAGEN 1839a; VARNHAGEN 1839b; VARNHAGEN 1842).

Francisco de Varnhagen começa por qualificar os seus próprios trabalhos, de 1839 e 1842, como uma clarificação indispensável do “verdadeiro caos” em que estaria a história do Brasil do século XVI.¹¹ Menciona a questão de supostamente Hojeda ter precedido Cabral na chegada ao Brasil, baseado nos relatos de Vespúcio sobre as viagens ao serviço de Espanha (sobretudo a de 1499), mas também na narrativa da primeira viagem de Hojeda (1499). Não considera relevantes as discrepâncias factuais existentes entre ambos os documentos. Ao mesmo tempo analisa a matéria da viagem de Pinzón (1499-

1500), dedicando-se a estudá-la, tendo em conta a sinonímia geográfica e tentando esclarecer contradições de distâncias percorridas, insuficientes, na sua opinião, para deitar por terra tal teoria (VARNHAGEN 1858b, p. 7 e segs.).

Assim, Varnhagen discorda das leis da Diplomática invocadas por Santarém, segundo as quais um erro de cronologia destrói toda a credibilidade hermenêutica de um texto, sobretudo no século XVI, rico em falsários (SANTARÉM 1842, p. 66 e segs.).

Quanto a Navarrete, Varnhagen não se coíbe de criticá-lo enquanto fonte, classificando o trabalho realizado como um “fraco resumo dos documentos que se encontram na coleção de Muñoz”, depositada, manuscrita, na Academia de la Historia de Madrid. Acrescenta existirem vários erros na *Coléccion...* e defende que Navarrete confunde ou sobrepõe as viagens de Vespúcio e de Hojeda (de 1499), legitimando o historiador brasileiro, involuntariamente, a interpretação de tratar-se de uma única expedição (VARNHAGEN 1858b, p. 24-27).

De novo Varnhagen demonstra uma certa audácia e espontaneidade em apontar o dedo a autores consagrados, tal como fizera com Santarém (Navarrete falecera em 1844). Prestando atenção especial a pormenores como os graus de latitude atingidos, refere-se mais demoradamente à questão das duas viagens portuguesas de 1501 e 1503, secundarizando quem as chefiava, o que levara Avezac a criticá-lo, acusando-o de ser parcial em benefício dos portugueses. Ao que Francisco de Varnhagen responde informando que ele mesmo publicou documentos que provam as viagens de franceses à costa brasileira (VARNHAGEN 1858b, p. 48-53). Há, percebe-se, certa tensão de cunho nacional ou nacionalista nessa troca de impressões, mesmo que em plano secundário.

Passemos agora ao livro que Varnhagen dedica inteiramente a Vespúcio, *Vespuce et son premier voyage... en 1497 et 1498*, publicado em 1858. Nele, dividindo em aceitáveis pelos críticos as duas viagens portuguesas do florentino¹² e em duvidosas as feitas ao serviço de Espanha, mesmo assim o autor brasileiro

12 - As quais Santarém recusava, baseado no silêncio dos documentos portugueses e nos seus textos analíticos de 1826-1842.

não aceita considerar que a figura que deu o nome a um continente inteiro possa ser apelidada de falsário, ainda que em apenas parte dos seus relatos. Francisco de Varnhagen centra-se, de novo, em questões de sinonímia geográfica, como por exemplo quando escreve que sábios como Humboldt, Navarrete e Washington Irving deixaram-se levar (*entrainer*) pela lição da palavra *Parias* (golfo de Pária), que Hylacomylus (Martin Waldseemüller) consagrou. Não se trata de um caso isolado de secundarização das leituras desses três autores, falando mesmo no que considera, quase triunfalmente, serem as “objecções [por si] destruídas” (VARNHAGEN 1858a, p. 7 e segs.).

Afirma, inclusive, que convém seguir o conselho de Descartes e reler as fontes, não os comentaristas do que Vespúcio escreveu. Com Varnhagen, a irredutibilidade dos argumentos exprime a força da convicção. Deduz-se que nenhum sábio poderia alguma vez colocar em causa, como um todo, a autenticidade dos relatos e das viagens de Vespúcio, porque há sempre visões, pormenores, a rever, à luz da releitura dos documentos, de interpretações inovadoras. Não se perturba ao entrar em desacordo com boa parte do que se lia nas histórias da descoberta do Novo Mundo: pois quando se acredita na veracidade narrativa de Vespúcio, descobrem-se sempre novas provas (VARNHAGEN 1858a, p. 10 e 16). Uma forma de estar na ciência que, veremos, fez e faz escola.

Nisso, Varnhagen e Avezac são *similarmente incansáveis, personalidades que não desistem das suas teses, por mais celebrizados que sejam os nomes e o saber de homens seus contemporâneos como Navarrete, Santarém e Humboldt*. Se o sábio prussiano admitiu o erro quanto à ciência náutica portuguesa e às viagens de Jaime Ferrer, por exemplo, embora não se tenha retractado, conforme prometido, no volume quarto do *Examen critique...* (nunca publicado), o mesmo não poderia, por questões psicológicas, suceder com Varnhagen, relativamente a Vespúcio, a quem reconhece o mérito de ter sido o primeiro navegador a entender que chegara a um Novo Continente e não à Ásia, como acreditou Colombo (SANTARÉM

1919, p. 291; VARNHAGEN 1858a, p. 23-24).

Aliás, a polêmica vespuciana é paradigmática de como há questões, relativas à chamada *proto-história* dos descobrimentos americanos, que dificilmente chegarão a um momento de certezas científicas, isto é, validadas pela maioria da comunidade acadêmica. Por isso ainda hoje, em sites de divulgação como a wikipédia espanhola,¹³ se fala não em quatro, mas em seis viagens de Vespúcio, reais ou imaginárias. Mas já voltaremos às leituras que a posteridade faz do papel de Varnhagen neste infundável debate científico.

Nas páginas que dedica a responder aos dois opúsculos de Varnhagen, em *Les voyages de Améric Vespuce au compte de l'Espagne... Avezac*, que considerara Santarém, em vida, "Um estadista tão distinto pela sua erudição quanto pela sua cortesia", confrontava Varnhagen com o sentimento de ter sido injustamente criticado e incompreendido; mas ciente de que "armas cortesias não poderiam causar feridas". Avezac acusa o seu adversário de, no opúsculo sobre a primeira viagem espanhola de Vespúcio (1497), não utilizar os argumentos de Humboldt que faziam coincidir as duas viagens espanholas do florentino (1497 e 1499) com as de Hojeda e Pinzón (BROC 1981, p. 82; AVEZAC 1858, p. 3 e segs.). Coloca em causa a data de 1497 daquela expedição de Vespúcio ao sul dos Estados Unidos e ao golfo do Iucatão, afirmando que "Certamente *tudo é possível no campo da fantasia; mas a crítica é mais exigente*". Depois de ter encadeado fatos, fontes e argumentos referentes a Colombo e Vespúcio, Avezac indica que a viagem que o autor brasileiro menciona ser de 1497 ocorreu em 1506 (AVEZAC 1858, p. 18-37, *itálico meu*).

Avezac abandona, pois, a metodologia de refutação empregue, em 1845-1846 e 1857, do que o visconde de Santarém e Francisco de Varnhagen escreviam. A estratégia de abordagem é serena, pausada, em nada confundível com a metodologia de defesa da mitologia das ilhas fantasmagóricas e imaginárias do Atlântico medieval (BROC 1981, p. 82). Vai, paulatinamente, deitando por terra várias teses referentes à

13 - Disponível em: <https://goo.gl/bEJ-v7q>. Acesso em 14 mai. 2018.

pretensa viagem de Vespúcio de 1497, agora com recurso à cartografia consagrada, conforme Santarém e Jomard haviam realizado no passado: o mapamundo de Juan de la Cosa de 1500 e a carta de Ruysch de 1507 (AVEZAC 1858, p. 42 e 45). Uma das suas conclusões finais sobre a viagem de 1497 é a de que *apenas a inversão singular das leis da razão a poderia legitimar enquanto fato histórico incontestado* (AVEZAC 1858, p. 73-74, itálico meu).

Por essa amostra, podemos constatar que Avezac respondeu de modo firme e inequívoco a Varnhagen, em relação ao qual era mais velho quase duas décadas (tinham então, respetivamente, cinquenta e nove e quarenta e dois anos). O sábio francês adotou uma postura institucional, despersonalizou a polêmica, a qual termina com o seu texto, também porque o diplomata brasileiro é colocado em 1859 na América do Sul (LESSA 1961, p. 261). Ambos, em 1857-1858, praticamente ignoram o visconde de Santarém.

Breve roteiro da polêmica vespuciana, séculos XIX-XXI

De 1839 a 1858, durante quase vinte anos, as referências que Francisco de Varnhagen fez ao visconde de Santarém sobre Américo Vespúcio contam-se pelos dedos de uma mão. De modo anónimo ou mencionando-lhe o nome, refuta a importância da ausência de informações sobre as viagens de Vespúcio, de 1501 e 1503, no arquivo central português (a Torre do Tombo) e na crónica de Damião de Góis dedicada ao reinado de D. Manuel I. Algo que o alemão Stefan Zweig, no século XX, vai corroborar, quando defende que “*um dos mais ferozes adversários de Vespúcio [Santarém] imediatamente interpreta esta falta [silêncio documental] como prova concludente de que Américo inventara, portanto, as suas duas viagens realizadas [...] com o apoio e auxílio financeiro de Portugal*” (PROTÁSIO 2014, p. 34 ; ZWEIG 1942, p. 117-118, itálico meu).

É compreensível o esvaziar do contributo de Santarém na polêmica mantida entre Varnhagen e Avezac, quanto o historiador brasileiro foi

sistematicamente ignorado ou criticado pelo autor português. O silêncio do geógrafo francês, que foi seu colega na SGP, durante quase vinte anos, é mais difícil de entender. A intervenção do sábio português no estudo da polêmica vespuciana foi ignorada pela história da Geografia posterior. E quando não ignorada, criticada de forma violenta.

É o que se constata, quando se vê listada a bibliografia de Varnhagen (1865, 1869 e 1874), designada por “reabilitação rigorosa”; a de Henry Harrisse (1892 e 1900) e John Fiske (1892). E quando se consulta, em parte, a de Henry Vignaud (1917); de Alfredo Magnaghi (1924 e 1945); de Stefan Zewig (1942 na edição portuguesa); de Roberto Levillier (1948 e 1951) e de Jean-Paul Duviols (2005).

Esta lista de autores, compilada com quase um século de diferença (VIGNAUD 1917, p. 102; DUVIOLS 2005, p. 242-251), tem o grande defeito de ignorar autores portugueses conceituados das décadas de 1920-1940, como Carlos Malheiro Dias, Duarte Leite, Jaime e Armando Cortesão, Damião Peres (PERES 1949, p. 7-29) e Carlos Viegas Gago Coutinho (COUTINHO 1948, p. 7 e segs.).

O que mais sobressai desse confronto bibliográfico é a formação de um grupo de autores que, fundamentados em conhecimentos técnicos de náutica, geografia e cartografia, como Duarte Leite, os irmãos Cortesão, Damião Peres e Gago Coutinho, em Portugal e no Brasil, rejeitaram a possibilidade de grande parte dos relatos e viagens de Vespúcio serem verídicos e credíveis. Podemos designá-los como **tecnicistas**.

Pelo contrário, quem se centra em analisar os textos e as fontes e não os comentaristas dos mesmos (perspetiva partilhada por Varnhagen, Vignaud, Magnaghi e Levillier) constitui o grupo dos **editorialistas**. Não apresentam qualquer aparente dificuldade em afirmar como verosímeis cinco viagens de Vespúcio, tomando à letra o que o florentino escreveu.

Conclusões Finais

Vivemos, na atualidade, a mesma diametria de parâmetros e de metodologias de abordagem que em 1520 era mantida a

propósito de Vespúcio, apesar de meio milénio passado. O que nos faz regressar às imagens de Vitorino Magalhães Godinho (“eterno retorno”) e de Stefan Zweig (“a velha interrogação”), citadas no início.

Dos três autores envolvidos no episódio dessa polémica de 1839-1858, Santarém, Varnhagen e Avezac, apenas o historiador brasileiro é considerado positivamente por autores como Vignaud (1917) e Duviols (2005): pela sua abordagem da história da literatura de viagens, bem como secundarização de silêncios documentais coevos, incongruências geográficas e erros técnicos evidenciados por Américo Vespúcio nos seus escritos. Varnhagen surge quase sempre como um precursor, citado antes de nomes como os de HARRISSE, FISKE e VIGNAUD (LEVILLIER 1954, p. 408).

Pelo contrário, o visconde, que se centrou, sobretudo, na história da ciência, é classificado de forma sumária por Jean-Paul Duviols, sem se atender às suas convicções e percurso intelectual: “perseguidor de Vespúcio” e um dos “seus detratores ferozes”. Duviols cita Vignaud quando este último qualifica de “monomania” a intervenção “pré-conceituosa” do português na questão vespuciana (VIGNAUD 1917, p. 88). E transcreve as palavras de John Fiske (1892): “os seus escritos eram uma curiosidade literária de psicologia mórbida” (DUVIOLS 2005, p. 237-239).

O ceticismo metodológico de Santarém e de Avezac, quanto a uma ou a três das viagens de Vespúcio¹⁴ e a qualidade profissional em que as integrou, são olvidadas perante um discurso de Vespúcio, homem novo, obscuro, cujo nome merece muito mais designar a democracia norte-americana do que o de um rei ou conquistador (DUVIOLS 2005, p. 250, citando ZWEIG 1942, p. 166). A emoção e o nacionalismo parecem, assim, superar a racionalidade e procura transnacional por imparcialidade. Tal poderia decorrer dos contextos em que viveram o visconde de Santarém (1791-1856), Marie-Armand d’Avezac de Castera-Macaya (1799-1875) e Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) e das respetivas personalidades, cosmovisões e instituições científicas em que se integraram

14 - Três delas, no caso do português (1497, 1501 e 1503), uma, no caso do francês (1497). Datam a suposta primeira viagem espanhola (1497), respetivamente, de 1504 e 1506.

(ACL, IHGB, SGP). Mas, de algum modo, as suas diferenças e distâncias quanto às viagens de Vespúcio, em vez de se esbatarem e diminuírem com o tempo, aumentaram e solidificaram-se. De forma que a posteridade científica parece ainda não ter conseguido colmatar visões profundamente desavindas e, aparentemente, inconciliáveis, numa síntese integradora e enriquecedora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACADEMIA das Ciências de Lisboa. Cartas de Américo Vespúcio a Pedro Soderini.... **Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses....** Tomo II, "Artigo extraído das atas da Academia das Ciências de Lisboa". Número IV. Lisboa: na tipografia da mesma Academia. 1812; p. III-VII (Sebastião Francisco de Mendo Trigoso); p. 141-158.

ALMEIDA, Luis Ferrand de. **Vespúcio e o descobrimento do Rio da Prata.** Coimbra: Tipografia Atlântida, 1955 (Separata da Revista Portuguesa de História, tomo VI).

ANAIAS MARÍTIMOS E COLONIAIS. Publicação mensal redigida pela Associação Marítima e Colonial. 5ª série, números 5 e 7. Lisboa: na Imprensa Nacional, 1845, p. 208-19; 279-87.

AVEZAC (Marie-Armand d'... de Castera-Macaya). **Considérations géographiques sur l'histoire du Brésil. Examen critique d'une nouvelle histoire générale du Brésil... Par ... Boletim da Sociedade de Geografia.** 4ª série, tomo XIV. Paris: Arthus Bertrand, Agosto-Setembro de 1857, p. 89-356.

_____. **Les voyages de Améric Vespuce au compte de l'Espagne et les mesures itinéraires employées par les marins espagnols et portugais des XV et XVIe siècles,**

pour faire suite aux considérations géographiques sur l'histoire critique du Brésil... Communication à la Société de Géographie de Paris dans sa séance du 16 Juillet 1858 par... Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1858.

BROC, Numa. Histoire et historiens de la Géographie. Notes bio-bibliographiques (milieu du XVIIIe Siècle-1914). **Boletim da Secção de Geografia**. Tomo LXXXIV. Paris: Bibliothèque Nationale, 1981, p. 71-116.

CANALI, João de. **Américo Vespúcio**. Espião ou navegador? Rio de Janeiro: Livraria H. Antunes, 1940.

COUTINHO, Carlos Viegas Gago. **Américo Vespúcio (As ideias modernas do prof. Frederick [Julius] Pohl)**, Lisboa: Sociedade Astória, 1948 (Separata dos números do Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa relativos a novembro de 1947-fevereiro de 1948).

DUVIOLS, Jean-Paul (traduction, introduction et notes de...). **Le Nouveau Monde**. Les Voyages d'Amerigo Vespucci (1497-1504). Paris: Éditions Chandeigne-Librairie Portugaise, 2005.

GODINHO, Vitorino Magalhães. A história tradicional e os novos rumos de pesquisa. **A Economia dos Descobrimentos Henriquinos**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1962, p. 1-17 (introdução).

LESSA, Clado Ribeiro de. Vida e obra de Varnhagen (1ª parte). **Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**. Volume 223. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1954, p. 82-297.

_____. **Francisco Adolfo de Varnhagen. Correspondência Ativa**. Coligida e anotada por... Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e

Cultura, 1961.

LEVILLIER, Roberto. **As cartas e viagens de Vespúcio, segundo Magnaghi**. São Paulo: Secção Gráfica da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1954 (Separata da Revista de História, nº 18, p. 407-481).

MEDEIROS, Bruno Franco. **Plagiário, à maneira de todos os historiadores**. Alphonse de Beauchamp e a escrita da história na França nas primeiras décadas do século XIX. Dissertação de mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Laura Nogueira. **A Palavra Empenhada: Recursos Retóricos na Construção Discursiva de Francisco Adolfo de Varnhagen**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

PERES, Damião. **Américo Vespúcio e a Expedição de 1501-1502**. Resposta a Marcondes de Silva. Porto: Portucalense Editora, 1949.

PROTÁSIO, Daniel Estudante. Francisco Adolfo de Varnhagen e algumas linhas de força da historiografia portuguesa do seu tempo (1839-1841). **História da Historiografia**, Número 14. Ouro Preto: Abril de 2014, p. 27-43.

_____. **Pensamento histórico e acção política do 2º Visconde de Santarém (1809-1855)**, Lisboa: Edição de Autor, 2016.

REVISTA TRIMESTRAL DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. Tomo II, 1840. Rio de Janeiro: Tipografia Imparcial de J. M. Nunes Garcia, 1858 (2ª edição).

REVISTA TRIMESTRAL DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA. Tomo VIII, 1846. Rio de Janeiro: Tipografia de João Inácio da

Silva, 1867 (2ª edição).

RIBEIRO, Renilson Rosa. **Destemido bandeirante à busca da mina de ouro da verdade**: Francisco Adolfo de Varnhagen, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e a Invenção da Idéia de Brasil Colônia no Brasil Império. Tese de doutorado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2009.

SANTARÉM, Visconde de. **Rercherches historiques, critiques et bibliographiques sur Améric Vespuce et ses voyages**. Paris: Arthus Bertrand, s.d. [1842].

_____. Suite des notes additionnelles à la lettre de M. ..., publiée dans le Bulletin de la Société de Géographie, du mois d'octobre 1835, sur les voyages d'Améric Vespuce, de 1501 à 1503... 1842. **Opúsculos e Esparsos**. Coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém. Volume II. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1910, p. 449-477.

_____. Note lue à la Société de Géographie par M. ... sur la veritable date des instructions données à un des premiers capitaines qui sont allés dans l'Inde, après Cabral, publiées dans les Annales maritimes de Lisbonne. Cahier n° 7 de 1845. Setembro de 1846. **Opúsculos e Esparsos**. Coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém. Volume II. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1910, p. 153-158.

_____. Mémoire sur la question de savoir à quelle époque l'Amérique Méridionale a cessé d'être représentée dans les cartes géographiques comme une île d'une grande étendue. **Opúsculos e Esparsos**. Coligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3º Visconde de Santarém. Volume II. Lisboa: Imprensa Libânio da Silva, 1910, p. 249-252.

_____. **Catálogo da Terceira Livraria do...** (com uma introdução de António Baião). Lisboa: Alfredo Lamas, Mota & C.^a, Editores, 1918.

_____. **Correspondência do...** Coligida, coordenada e com anotações de Rocha Martins (da Academia das Ciências de Lisboa). Publicada pelo 3º Visconde de Santarém. Volume VI. Lisboa: Alfredo Lamas, Mota e C.^a, Editores, 1919.

_____. Advertisement. **Atlas du vicomte de Santarém.** Édition fac-similée des cartes définitives, organisée... par Martim de Albuquerque. Lisboa: Administração do Porto de Lisboa, 1989.

Sociedade de Geografia. **BOLETIM.** 2ª série, tomos XII a XV. Paris: Arthus Bertrand, 1839-1841, "Actes de la Société".

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. **Reflexões críticas sobre o escrito do século XIV [aliás XVI] impresso com o título de «Notícias do Brasil» no tomo III da Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações Ultramarinas, etc**". Colecção de notícias para a história e geografia das nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses. Volume V, número II. Lisboa: Tipografia da Academia das Ciências de Lisboa, 1839a, p. 1-120.

_____. **Diário da navegação da armada, que foi à terra do Brasil sob a capitania-mor de Martim Afonso de Sousa, escrito por seu irmão Pero Lopes de Sousa,** publicado por... Lisboa: na tipografia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Úteis, 1839b.

_____. **As primeiras negociações diplomáticas respectivas ao Brasil. Por....** Artigo extraído da actas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, da sessão de 15 de Dezembro de 1842. S.l.: s. ed., 1842, p. 119-154.

_____. **Vespuce et son premier voyage ou notice d'une découverte et exploracion primitive du golfe du Mexique et des côtes des États-Unis en 1497 et 1498....** Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1858a.

_____. **Examen de quelques points de l'histoire géographique du Brésil... ou analyse critique du rapport de M. d'Avezac sur la récente histoire générale du Brésil par...** Paris: Imprimerie de L. Martinet, 1858b.

VIGNAUD, Henry. **Améric Vespuce 1451-1512.** Sa biographie. Sa vie, ses voyages. Ses découvertes; l'attribution de son nom à l'Amérique; ses relations authentiques et contestées. Paris: Ernest Laroux, Éditeur, 1917, p. 86-99.

ZWEIG, Stefan, **Américo Vespúcio.** Porto: Livraria Civilização, 1942. Disponível em: <https://goo.gl/tk3uAg>

AGRADECIMENTOS E INFORMAÇÕES

Daniel Estudante Protásio

daniel.estudante.protasio@gmail.com

Pós-Doutorado

Centro de História da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade 1600-214, Lisboa

Portugal

RECEBIDO EM: 25/08/2017 | APROVADO EM: 13/04/2018